

Entrevista: RECCAST – Formando Profissionais no Audiovisual

Gustavo da Rosa Pires

PUC-Rio

A seguir, transcrição da participação do presente autor em podcast (RecCast) realizado pelos estudantes do ProEJA, Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, do Instituto Federal de Brasília - Campus Recanto das Emas - em 10 de julho de 2025. O programa contou com a apresentação da estudante Caroline Ferreira. Na equipe técnica, os estudantes: Malu, Márcio Silva, Dulce Dalva, Filipe Silva, Graciano Araújo e Ana Silva, e os docentes: Adriana Tavares, Márcio Giacomini Pinho, Lautaro Wlasenkov, Fernando Mourão Gutierrez e Gustavo da Rosa. O link para o episódio “Formando profissionais no audiovisual” consta nas referências ao final do texto.

Caroline Ferreira: Tudo bem, Gustavo?

Gustavo da Rosa: Oi, Boa noite. Já começou? Estou brincando. E aí, pessoal? Como é que você está, Carol?

Caroline Ferreira: Estou estou bem. E você?

Gustavo da Rosa: Muito legal você me receber aqui. Um prazer.

Caroline Ferreira: É uma honra. A gente estava com muita saudade. Muita saudade mesmo, professor. Para quem não sabe, o Gustavo foi o meu professor do ProEJA. De som. De várias coisas, na verdade. Como você iniciou no mercado audiovisual? Como você conheceu?

Gustavo da Rosa: Carol, para ser bem sincero, eu não comecei no audiovisual. Comecei

como músico, tocando. Eu tinha essa pretensão na vida de ser um artista. Não diminuindo, mas eu achava que isso ia conseguir me bastar. Invariavelmente eu acabei caindo no... Porque é muito difícil viver disso no Brasil. Não que seja impossível, mas é bem complicado. Principalmente, quando você não tem talento e só tem repertório. Então, eu acabei indo para o audiovisual no sentido de dar algum sentido no conhecimento que eu acabei adquirindo nessa trajetória. Uma coisa que eu costumo sempre dizer é que nada se perde na sua vida. O que você estuda, o que você vivencia, isso acaba de alguma forma sendo ressignificado ou te servindo em algum momento da vida.

Caroline Ferreira: E tem alguma área que você mais gosta de atuar, que você mais se identifica dentro desse mercado?

Gustavo da Rosa: Eu comecei pelo som.

Caroline Ferreira: Sim.

Gustavo da Rosa: Mas, hoje em dia, eu acho que o quê me satisfaz, o que faz sentido... Inclusive é uma coisa que eu muito pesquisei... Eu diria que é a edição. Porque não tem como escapar, é um lugar onde as coisas meio que se concentram e se juntam para formar, dar um sentido à obra audiovisual. Esse tal produto que você está trabalhando em cima.

Caroline Ferreira: Muito legal! E como professor, você teve alguma experiência intrigante com os alunos?

Gustavo da Rosa: Com os alunos? Eu não diria intrigante. Mas, com os alunos, eu acho que o quê merece destaque e que eu acho que vale a gente pensar sobre, refletir um pouco foi a questão do período pandêmico, que foi um grande desafio. Como é que você vai trabalhar a questão de lecionar tecnologia, instrumentos audiovisuais e afins, um método de produção, dentro de um contexto em que está todo mundo isolado fisicamente? Cinema é prática de galera, juntar com os amigos. Olhe a quantidade de pessoas que tem nesse estúdio

aqui, atrás das câmeras. É uma coisa que você pode até fazer, mas não é uma arte solitária. Então, como é que você faz isso ou fala sobre esse fazer estando isolado? Como é que você dá, por exemplo, uma aula de informática, de computador quando seus estudantes estão em casa vendo essa aula, às vezes, no celular ou, com uma criança no colo, girando uma comida na panela. Então acaba sendo uma coisa bem desafiadora e que você acaba tendo que ressignificar. E, portanto, durante a pandemia, eu acho que o desafio, o intrigante, o interessante foi... Como é que se diz?

Caroline Ferreira: Acontece. Isso é audiovisual.

Gustavo da Rosa: Isso é ao vivo!

Caroline Ferreira: Sim!

Gustavo da Rosa: Eu acho que o interessante é o improviso. É você ver como é que

você pode pensar esse conhecimento, esse saber e tentar adaptar isso para a vida das pessoas, para o que dá para fazer nesse momento. E no caso da pandemia, foi muito interessante e transformador, eu diria, porque a gente se propôs a fazer um filme contando sobre esse momento. O filme se chama ‘Pandemia, para quem?’. É uma provocação no sentido de denunciar: para quem funcionou esse isolamento? Quem conseguiu deixar de trabalhar? Quem conseguiu não estar na linha de frente? Então, a partir do relato de algumas pessoas que não conseguiram parar, a gente construiu um filme feito de conversas de WhatsApp, entrevistas gravadas por áudio, fotos feitas de dentro de ônibus, selfies desses profissionais da linha de frente. E a gente se reunia remotamente praticamente todos os dias. Integrámos praticamente o bloco, o semestre, diversas disciplinas - propedêuticas e práticas - para a gente sentar e pensar juntos e produzir esse curta. O que é louvável é que, bem ou mal, esses estudantes foram expostos a essa prática profissional. E se descobriam, por outros caminhos, pessoas do audiovisual. Apresentadores, pesquisadores, produtores. Enfim, eu achei que foi bem valiosa essa experiência. E esse filme acabou tendo um circuito, uma vida comercial, se eu posso dizer, bem expressiva. Então, acabou sendo

um filho que esses estudantes tiveram na pandemia.

Caroline Ferreira: E você acha que tem alguma habilidade que o estudante ou profissional do audiovisual que já trabalha na área precisa ter? É essencial que você precise ter essa habilidade ou desenvolvê-la. Algo que, às vezes, a pessoa desenvolve estudando ou trabalhando, que ela precisa ter ali pra ter sucesso no mercado audiovisual.

Gustavo da Rosa: Carol, eu achei essa pergunta extraordinária! Essa pergunta que você está fazendo. Por que? Rapidinho, pessoal. Ao vivo... Perdão! Eu destacaria dois pontos. Essa pergunta é bacana, porque audiovisual, como eu disse, é prática de galera. Então, inevitavelmente, você vai lidar com pessoas. E as mais diversas e variadas possíveis. Então, muitas pessoas, isso logo significa diferentes ideias, diferentes contextos, origens, crenças e afins. Então, o primeiro aspecto é você estar à vontade em trabalhar com muitas pessoas e conciliar interesses. Eu acho que isso é um desafio profundo. E o segundo é uma coisa que não

dá pra escapar, gente. Nós do audiovisual, vocês estudantes, a gente está trabalhando com tecnologia. Tecnologia é uma coisa que progressivamente vai se atualizando, ficando menor, ficando mais digital, mais...O que eu quero dizer é o seguinte: a gente não pode parar de estudar, a gente não pode parar de ter interesse, de ser curioso, de correr atrás, de “eita, surgiu um negócio novo, deixa eu ver de qual é”. Nem que seja para eu falar: “ah não! Isso não me interessa”. É a gente não ter essa preguiça de correr atrás de conhecimento, porque na internet está tudo esplanado, está tudo lá. Eu sei que tem muita informação que a gente precisa ter cuidado, precisa filtrar, mas é uma excelente fonte de busca, de pesquisa, de opinião e de teste. Você não precisa botar a mão em tudo, colecionar tudo, não é esse o rolê. É uma questão de você entender onde você quer se aprofundar e estar sempre se aprofundando nisso. Então, essa é uma parte que é um ponto cruel! Não vou mentir não. Se você der mole, você toma um caldo. Tem que estar sempre remando, tem que estar sempre: “opa! Surgiu uma coisa nova. Ah! Olha esse microfone novo, olha esse gesto novo que as pessoas na rede social estão tendo. O que é isso? Que tipo de equipamento está sendo utilizado?”. As coisas estão sendo compactadas. Então, a gente

tem que treinar a nossa percepção e nunca deixar de ter vontade de aprender.

Caroline Ferreira: Sim, interessante que você comentou sobre a tecnologia. Está avançando muito rápido. Eu acredito que também, depois da pandemia, teve essa necessidade também da tecnologia expandir. Inteligência artificial... Você acha que é necessário também? Não digo necessário, mas... Os profissionais, eles estão muito também adotando... Você acha que eles estão adotando a prática da pandemia de se isolar mais? Porque, como hoje é mais tudo compacto, é tudo no celular, é tudo no aplicativo, regula a luz no celular, faz tudo no celular... Eles estão se isolando realmente nesse sentido de desse contato, desse relacionamento, dessa relação para evitar conflitos muitas vezes? Eu sou estudante de audiovisual. Então, eu percebo que, às vezes, tem certos conflitos. Isso é normal em qualquer profissão, em qualquer mercado e em qualquer relacionamento. Mas eu quero dizer que: você acha que o profissional consegue se adaptar a essa tecnologia que avança muito rápido? E compactuar essa tecnologia, com o relacionamento ali com as pessoas no set? Ou você acha que ele está meio que ignorando esse

relacionamento? Porque acaba sendo mais fácil ficar só ali do que...

Gustavo da Rosa: Eu entendi sua pergunta.

Caroline Ferreira: Sim.

Gustavo da Rosa: Estou muito chateado com ela!

Caroline Ferreira: É a realidade.

Gustavo da Rosa: Mas é porque é isso que você está falando.

Caroline Ferreira: Sim.

Gustavo da Rosa: Carol, o que eu acho? Esse ponto que você trouxe transcende a questão do mercado de trabalho. A gente vive uma epidemia de solidão! Eu acho que isso começa lá atrás com o maldito do Mark Zuckerberg. Desculpa. Olha só que interessante: ele lança uma plataforma, o Facebook, onde ele trabalha o conceito de amigo. “Ah, a gente é amigo do Facebook. Eu te adicionei. Somos agora ‘Facebook friends’. Somos amigos do Facebook”. E uma coisa que não se é nessa rede social é amigo. Ser amigo é uma coisa completamente diferente. É eu e você, a gente sair junto, comer um quilo de sal, eu te conhecer, conhecer sua família... Sei lá! Você está entendendo? É uma relação física. Então, ele meio que sequestra esse conceito de amigo. Inclusive, agora, ele está criando uma I.A. para agravar ainda mais esse problema de solidão. Está todo mundo em casa com suas dezenas, centenas de milhares de amigos, mas na verdade ninguém é amigo. Acho que esse é um problema de laço social, não somente no trabalho. Lógico que isso vai se refletir e ficar evidente no trabalho. Cada um a sua. E a pandemia só chega para agravar isso. A gente achou que a pandemia ia de certa forma fazer a gente voltar um pouco para o analógico, etc. Mas parece que as coisas se acirraram

e ficaram um pouquinho mais deprimentes mesmo. Então, isso é um problema que vem acontecendo lá de trás. Como solucionar isso? Não sei. Não trago nenhuma solução definitiva, mas entendo que talvez resida no audiovisual algum tipo de esperança nisso. Justamente, por ser uma prática coletiva. Justamente, por ser um espaço onde a gente tem instrumentos de registro, tem instrumentos onde a gente pode usar para... São armas que a gente tem que aprender a atirar, tem que aprender em quem mirar e o que falar, e o que denunciar. Então, eu acho que o audiovisual, de certa forma, ele tem uma carga de esperança nesse sentido. Mas é tecnologia também, é você no celular. Eu, enquanto editor, sei como é isso. Às vezes, eu estou dezenas, centenas de horas diante de uma mesma ideia ali, neurótico, obsecado com aquilo. E pode atrapalhar, às vezes, percepções, pitacos. Às vezes, o filme não sai quando tem muita gente na ilha de edição. Então, é uma questão de equilibrar. É uma questão de experimentar e produzir sobre isso. Eu acho que isso que a gente está fazendo agora é muito importante, Carol. A sua pergunta é fundamental para a gente organizar o pensamento sobre isso, sobre essa solidão que vai se afirmar no trabalho.

Caroline Ferreira: E outra coisa também... Com relação a essa questão de relacionamento no audiovisual, você acha que é essencial aquele profissional... Porque tem muitas pessoas que entram no audiovisual, conhecem um amigo ali, começam a tirar foto, começam a gravar e acabam trabalhando. “Ah! Dá dinheiro. Vou trabalhar nisso aqui”. Mas não tem curso, não tem graduação, não tem técnico. Não tem uma formação ali. Você acha que aquele profissional que escolhe ter uma formação, ele tem alguma credibilidade ou ele passa mais profissionalismo? Você acha que tem diferença entre os dois?

Gustavo da Rosa: Eu vou sair muito deprimido dessa conversa! Mas o ponto é o seguinte, Carol. Eu, pelo menos, eu falo da minha geração. A minha geração é uma geração que está amargando muito. Por que? Porque eles nos prometeram muito. A gente foi de certa forma... A gente cresceu com essa ideia de: “Estuda, porque, se você tiver um diploma, com certeza você vai ter um lugar”. E, na realidade, não é muito bem assim. O que a gente mais vê hoje em dia é engenheiro que está fazendo Uber por exemplo. Porque o negócio está amargado mesmo

e papel não é certeza nenhuma de nada. Mas, em resposta à sua pergunta, definitivamente! É aquilo que eu estou falando da curiosidade. A gente tem que estar sempre estudando, a gente tem que estar sempre correndo atrás. Não para ficar, por exemplo, num LinkedIn: “olha como sou legal”, se dando tapinha nas costas, colecionando, de fato, feitos. Mas é para gente poder se expressar melhor. Definitivamente, a gente precisa de formação profissional. O mercado está aí. É super violento, é super criterioso. E eu conheço muita gente boa que está sofrendo muito por não dançar conforme essa música, por não correr atrás dessas certificações, por não fazer esse curso. Porque, para além do conhecimento, infelizmente, nos é solicitado esse papel, essa chancela. Então, há um pouco dos dois. Sim, precisa fazer o curso, mas você não pode parar à medida que você recebe aquele canudo. Ai, meu Deus!

Caroline Ferreira: É a verdade! Nua e crua. E eu acho também. Acredito que qualquer pessoa pode aprender qualquer coisa hoje em dia. Tanto também audiovisual. Operar uma câmera, editar um vídeo. Está tudo no YouTube. Mas acho que a diferença de

conhecimento é que, em um curso, em um técnico, na graduação, você tem um método validado, um passo a passo. Você tem pessoas que estão ali com você. Entra ali, novamente, o relacionamento, o conflito que é necessário.

Gustavo da Rosa: Socializar.

Caroline Ferreira: Sim! E, ali também, na edição de um vídeo, você não está editando sobre uma I.A., você está editando sobre uma história de uma pessoa para essas outras pessoas. Para criar aquilo ali. E também outra coisa que eu queria saber: você sempre quis entrar no audiovisual ou não? Você entrou, caiu de paraquedas por conta do som. Começou a mexer no som e falou: “Ah! Vou entrar no audiovisual” e depois: “Ah! Vou ser professor”? Como que foi essa caminhada?

Gustavo da Rosa: Caramba! Eu não tinha pensado nisso do jeito como você me perguntou agora. Eu acho que sempre quis... Quando eu era criança, eu queria ser o ‘Indiana Jones’. Eu queria ser, sei lá, arqueólogo... Dava para

você ficar escavando, achando dinossauro. Olha que interessante.

Caroline Ferreira: Sim...

Gustavo da Rosa: Depois, eu queria ser astronauta...

Caroline Ferreira: É... Uma coisa bem tranquila!

Gustavo da Rosa: Sabe esses sonhos de criança? E o interessante é que eu acho que o audiovisual sempre esteve lá. E a gente não escapa dele. Ele está à nossa volta. É a forma como a gente... É a linguagem em que a gente se expressa, se comunica. Independentemente da profissão que você segue, você não escapa dele. Você tem que ter presença digital. Você sabe muito bem disso, você é uma pessoa que estuda muito e tem uma presença significativa na internet. Então, eu não sabia, mas o audiovisual

já estava lá. Não sei se isso responde a sua pergunta, mas...

Caroline Ferreira: Sim.

Gustavo da Rosa: Não é que eu escolhi, eu não escapei dele. Então, um belo dia eu decidi entendê-lo, decidi persegui-lo.

Caroline Ferreira: E tem alguma área em que você mais gosta de atuar? Que você mais se identifica no audiovisual?

Gustavo da Rosa: Eu acho que a edição sem dúvida. Mas eu gostei muito da oportunidade que eu tive de trabalhar com efeito especial. Não o efeito CG, computação gráfica. Mas o efeito analógico. Você produzir uma garrafa de açúcar e quebrar na cabeça de alguém. Pegar um manequim, comprar tripa velha no açougue e fazer um filme de terror. Um caso interessante que eu acho que também vale mencionar: certa vez, eu estava trabalhando em um longa metragem

de terror com um pessoal que é muito bom com efeitos visuais, efeitos no sentido da “pró”. Na produção, você estar trabalhando com esse efeito. E eles pegaram uma lancha, eu estava fazendo som direto nesse filme. E tinha-se a necessidade de simular que essa lança estava pegando fogo no meio do Lago Paranoá. Então, eles compraram uma espécie de uma bomba de fumaça, que ela parece... ela não é uma bomba, mas tem esse nome. Você acende um pavio e ela começa a soltar fumaça preta, como se tivesse fogo ativo. Mas solta muita fumaça. E passou um helicóptero dos bombeiros em cima, sobrevoando. A gente teve que bater claquete para ele, ficar fazendo sinal de mergulhador: “está tudo bem aqui. E aí?”. Para o pessoal não acionar...

Caroline Ferreira: Achar que pegou fogo mesmo.

Gustavo da Rosa: Exatamente! Não acionar, sei lá, os fuzileiros. Eu não sei como é que se chama essa patrulha do Lago Paranoá! Mas isso é legal. Tão real que parece que, de fato, a gente estava passando um perrenque ali. Estava acontecendo um acidente.

Caroline Ferreira: Sim. E, voltando para sala de aula, você teve algum desafio? Algum projeto? Na sala de aula, qual o desafio que você passou com os seus alunos que te marcou?

Gustavo da Rosa: Teve a própria pandemia. Mas eu não consigo deixar de falar do que é dar aula para o ProEJA. Porque o ProEJA tem um dos públicos mais diversos em termos etários. Então, eu considero um desafio. E uma coisa que eu fico muito me cobrando a fazer é: tentar pensar como é que eu falo o conteúdo que eu tenho que passar de forma a me fazer entender por todas essas gerações, por todas essas diferentes partes que compõem esse público diverso que é o ProEJA. Então, eu acho que esse é o grande desafio. Como é que eu trabalho essas questões... Espere aí, porque ele está meio... A gente está falando sobre umas coisas tão pesadas que ele ficou meio...

Caroline Ferreira: Com certeza! Ele caiu. Está cansado.

Gustavo da Rosa: Então, como tentar conversar de forma universal? Eu sei que isso não é possível. Eu não vou falar uma coisa e ser compreendido completamente por todo mundo. Mas é um desafio que eu acho até meio delicioso. E, portanto, eu me forço a consumir o que está sendo consumido, às vezes, por um jovem no Ensino Médio, resgatar uma coisa que, sei lá, meus pais falavam.

Caroline Ferreira: Eu imagino.

Gustavo da Rosa: Então, eu acho que é bem nesse sentido. É um desafio que eu acho bom. E me força a rever o que eu acho que é imutável. “Esse conteúdo é assim e toma”. Não.

Caroline Ferreira: Sim. E interessante você falar da faixa etária e, também, gerações. Você acha que precisa mudar algo, especificamente no mercado audiovisual, que vá

ajudar, tanto o professor, quanto o aluno, nesse mercado?

Gustavo da Rosa: Eu acho. Eu sou um defensor da escola enquanto esse espaço potente de... Só a escola é a escola. A gente tem a nossa família, a gente aprende coisas em casa, mas a escola é um espaço que ninguém tira isso dela. É um espaço de conhecimento, de... Eu quero tomar cuidado ao usar essa palavra, mas, de subversão, de resistência. Porque, às vezes, a sociedade, o privado, o individual, ele nos coloca num lugar muito de... Que a escola resiste a isso, vamos colocar assim. Então, o desafio que eu coloco em primeiro lugar para escola é estar sempre... Nunca deixar de olhar pra esse estudante uma vez que ele está... Não vou falar por conta própria, mas, uma vez que ele se atira no mundo. Se forçar a pensar como é a formação, como são as questões práticas do dia a dia dessa pessoa. Como é que eu posso fortalecer esses indivíduos a navegarem no mercado do trabalho, porque ele vai ser cobrado muita coisa que às vezes escapa, que a gente não consegue dar conta. Esse é um desafio para o professor. Agora, para o profissional, para o estudante egresso, eu acho que o maior

desafio são as palavras. Eu, enquanto... À medida em que eu entrei no audiovisual, eu sofri muito com a escolha das minhas palavras. No sentido de falar: “ah! Esse som está meio alto”. Você chega em um estúdio, “alto” não quer dizer que ele está intenso. “Alto” quer dizer que ele é agudo. Você vira e fala assim: “esse som está muito alto”. Aí, o cara: “beleza, agora está baixo”. Então, às vezes, você pode ser “tirado de tempo” quando você fala uma coisa errada. Você pode sofrer uma exclusão, uma represália. Então, nesse sentido, é importante a gente saber se comunicar. Escolher bem as palavras. “Ah! Eu vou tirar um DRT”. Não, meu amigo. Primeiro, que não é um DRT, é a DRT. É a Delegacia Regional do Trabalho. E você não tira a delegacia, você tira um registro profissional junto à essa delegacia. Você tira o seu registro junto à DRT. Então, você não fala: “vou tirar o meu DRT”. Já fui “tirado de tempo” por falar assim! Então, eu acho que o desafio do aluno é, realmente, ler. Entender como precisa ser dito para você não ser “tirado”. Porque é fogo. O audiovisual, o cinema é uma prática burguesa, industrial. E tem determinadas nomenclaturas, inclusive no cinema americano, que são horrorosas! Eu estou inclusive escrevendo sobre isso. Todo mundo já viu alguma série ou filme que tem um carro

parado, projeções ao redor desse carro e a pessoa está simulando. Às vezes, aquele ator nem sabe dirigir, mas ela está simulando um carro em movimento. O nome dessa técnica, pasmem, é: ‘O processo do homem pobre’. Eu acho isso super violento e reside aqui uma crítica minha ao cinema. Como é que você chama uma técnica... Você “tira de tempo”. Como se fosse... “Ah não! Processo de homem rico, então, é um ‘cameracar’, é um drone, esse tipo de coisa”. Olha como é excludente, olha como é feio isso. Então, é um território que você tem que entrar muito seguro. Você tem que investigar as palavras, você tem que saber como usá-las, porque, às vezes, você pode ser penalizado. Então, isso é uma coisa que eu sou muito chato em sala de aula. Às vezes, eu sou repetitivo falando esse tipo de coisa. Mas é porque eu não quero que o estudante passe por uma violência que eu já passei por exemplo.

Caroline Ferreira: E você acha que a vivência como professor, tanto em sala de aula, como profissional no audiovisual... E você também é repórter, pesquisador... Então, você acha que todas essas circunstâncias ali que você passou, tanto boas, como ruins, você consegue dar aquela filtrada e passar? Como você

também falou, da faixa etária novamente... Eu acho muito interessante, porque eu sou do ProEJA. Então, eu vi, também, na sua metodologia, ali, seguindo o institucional também, mas com a sua essência junto. Você conseguiu passar aquilo que você viveu, tirou da melhor forma e passou para gente baseado na linguagem do que cada um ia entender. Então, eu acho que isso também é uma qualidade que, eu não sei se também é adquirida. Acredito que possa ser adquirida para quem queira ser um professor, ensinar sobre audiovisual, mas eu acho que essa habilidade também deve ter também no profissional audiovisual. Como você falou do relacionamento. Você tem que saber certinho o que você tem que falar, como você tem que falar com a sua equipe, com a pessoa que muitas vezes não tem formação e você tem, ou a pessoa não tem formação, mas tem mais conhecimento que você. Isso pode acontecer, acredito, além do set. Então, eu acredito que isso é muito... Não sei se você já viu muito disso de... A pessoa tem que ser profissional nesse sentido. Você acha que o ensino, ele ensina essa filtragem? Ou você acha que precisa... É mais do professor, do método pessoal e não tanto da instituição, esse ensino, essa parte?

Gustavo da Rosa: Carol, eu acho que eu vou tentar responder sua pergunta levando um pouquinho mais para o pessoal mesmo. Para além do profissional. Eu tinha um colega, ele até faleceu, do audiovisual, que ficou meio incomodado quando eu falei que eu estava como professor. Ele chegava e me peitava assim: “qual foi, cara? Você está formando concorrente? Você quer piorar para você?”. E eu fiquei muito sem saber como responder aquilo na época. E, hoje em dia, eu entendo isso perfeitamente. Eu não estou formando concorrente. Uma frase que eu sempre falo em sala de aula é: “bicho, a gente se vê no mercado. Cuida. A gente se vê no mercado, a gente vai trombar”. Eu estou formando aliado. Não quero entrar em um aspecto pesado de: “ah, esse daí está vivendo em guerra”. Não. Não é bem isso. Mas é mais do que... Eu não quero competir, eu quero colaborar. Eu acho que a gente se fortalece fazendo isso juntos. Eu quero que um estudante forneça serviço para o outro, porque assim a gente vai crescer juntos. Não é chutar a escada. Subir, chegar lá e chutar a escada para ninguém subir. “Aqui é meu”. Você vai ruir assim, entendeu? É o que eu falei: é uma prática coletiva, é uma prática de galera. A gente faz um filme bonito quando a gente soma esforços, quando a gente está junto. O boca a boca ainda existe. Então,

a gente trocar ideia, eu indicar você... Às vezes, um trabalho, uma colaboração que eu faço em um filme seu pode me abrir portas e vice-versa. Então, é uma teia, é uma conectividade que tem que ser estabelecida e não rompida. Então, repetindo: eu não formo competidor, eu formo aliado. A gente está junto na mesma.

Caroline Ferreira: Sim. Eu queria fazer agora um bate-bola. Como que funciona? Eu vou dar ali um tema e você tem que falar rápido. E aí, eu já falo outro tema.

Gustavo da Rosa: Vou tomar até uma água.

Caroline Ferreira: O bate-bola primeiro é: filme favorito.

Gustavo da Rosa: Ai! Vai ser muito “nerd” essa. Eu gosto de ‘Blade Runner’.

Caroline Ferreira: Blade?

Gustavo da Rosa: ‘Blade Runner’. O caçador de androids.

Caroline Ferreira: Não é ‘Indiana Jones’. Já é outro, já mudou o nome.

Gustavo da Rosa: Tudo meio velho. Sob pressão... Desculpe. Por favor...

Caroline Ferreira: Isso. Alguma inspiração no cinema.

Gustavo da Rosa: Meu Deus! Essa é difícil, peraí. Vamos colocar aí a Fernanda Montenegro? Signo de resistência, porque a filha dela está a redimindo... Opa! Arrotei. Perdão, pessoal! Apaga. Dá para cortar ao vivo?

Caroline Ferreira: Gênero favorito?

Gustavo da Rosa: Meu gênero favorito? Eu gosto de drama, gosto de comédia. Fazer comédia é muito difícil. Fazer drama também. Não ficar aquela coisa que é um filme chato de assistir. Fazer comédia e ser legal é, talvez, tão difícil quanto fazer drama.

Caroline Ferreira: Sim, verdade. Algum equipamento que você quer passar longe?

Gustavo da Rosa: Passar longe?

Caroline Ferreira: Sim.

Gustavo da Rosa: Drone.

Caroline Ferreira: Por que?

Gustavo da Rosa: Porque, se cair, são alguns milhares de reais. Você tem que estar muito treinado. Eu acho uma brincadeira cara. Eu prefiro contratar um camarada. E não é uma coisa que você vai fazer um filme só de drone. É muito raro. Você vai usar um, dois planos, às vezes, para abrir um institucional, alguma coisa assim. Então, não é o tipo de equipamento que eu quero investir, não é o risco que eu quero correr. Desculpa se tem pessoas que vivem de drone aí, eu não quero também minar o trabalho de vocês. Mas para mim...

Caroline Ferreira: E, agora, um equipamento que você ama usar.

Gustavo da Rosa: Eu amo câmera sem espelho. Que é aquela câmera menorzinha. Tem uma bem aqui, uma Sony. Essas câmeras são leves, têm disparo rápido, têm aquele ‘viewfinder’ digital. Você não precisa tirá-la do rosto batendo foto, porque pode aparecer ali mesmo a imagem. Então, é muito prático. Ela encaixa na mão, eu adoro isso.

Menciono também uma coisa que eu não consigo viver mais em set. Você falou isso. Você já antecipou isso na conversa. Hoje, tem aplicativo para tudo. Opa! Minha conversa. Espero que não tenham visto... Mas você consegue controlar um set com isso aqui. Então, na nossa vida isso aqui é uma praga. Mas é um instrumento poderoso.

Caroline Ferreira: Se bem dosado.

Gustavo da Rosa: É. Profissionalmente falando.

Caroline Ferreira: E um ator favorito? O Indiana Jones?

Gustavo da Rosa: O Harrison Ford? Não, com certeza não. Eu chutaria o João Miguel, o Milhelm Cortaz, essa geração de brasileiros, porque eu gosto de ator que tem cara da gente. Não aquela beleza, aquela coisa artificial. Não. Eu gosto de gente normal.

Caroline Ferreira: Agora, como professor, qual a sua matéria favorita?

Gustavo da Rosa: De lecionar ou de estudar?

Caroline Ferreira: As duas. De lecionar primeiro.

Gustavo da Rosa: Eu adoro ‘Equipagem e manutenção’, porque é uma coisa que você consegue falar sobre tudo e criticar também. Criticar no sentido bom, pensar junto, forçar reflexão. E eu acho que de estudar, talvez, ‘Informática’, porque informática é uma coisa que eu não para.

Caroline Ferreira: Bom, eu acho que é isso. Eu gostaria de, para finalizar, qual o conselho? Eu não diria, eu acho, o conselho, mas o que você diria para quem está no

audiovisual e quer se expressar da melhor forma para transferir ali, como eu falei da essência, como professor, mas como profissional, para a pessoa conseguir transferir a sua essência da melhor forma, para o mercado, para não ser um profissional arrogante e ele conseguir dar voz? Porque eu acho que os produtos audiovisuais são para dar voz a uma ideia, para sair do papel, dar voz a uma história que não foi contada. O que você acha?

Gustavo da Rosa: Essa pergunta tem muitas camadas. Por exemplo, tecnicamente, para você se aprimorar, tem que ler literatura. Vamos ler livros. Eu acho que cortes de câmera, histórias multilíneas com trezentos personagens já existem na literatura há mil anos. Mil anos é muito... Mas já tem em forma de texto. Então, vamos ler, vamos correr atrás de palavras bonitas, formas diferentes de dizer as coisas. Isso vai expandir muito a nossa cabeça em termos de linguagem, de narrativa, etc. Agora, para lidar com pessoas, para pensar relacionamentos, a gente não pode esquecer que a gente é brasileiro. Sim, a gente tem que aprender inglês, francês, todas essas terminologias que o audiovisual nos cerca com elas. Mas a gente não

pode esquecer de ser brasileiro, de estudar nossa cultura, de experimentar outras ideias, outras vozes, outras dores. Isso faz com que a gente se torne mais sensível, empático e até espiritualizado! A gente passa a entender e sentir as coisas de outras formas do que só tecnicamente falando. E, consequentemente, a gente vai saber lidar melhor com as pessoas. Não lidar como se fosse um fardo, mas sentir mesmo, ser até pessoas mais interessantes. O chato para caramba falando isso... Mas é isso de não ficar só em si. É importante isso também, mas...

Caroline Ferreira: É. E, também, você falou do brasileiro, de ser brasileiro e não focar tanto lá fora.

Gustavo da Rosa: Definitivamente.

Caroline Ferreira: Esse de “só lá fora”. Ou só naquele ator, naquela atriz, naquele filme, naquela obra. Mas eu acredito que as melhores histórias são de quem está do nosso lado, do nosso colega. A pessoa, às vezes,

venceu tanta coisa, passou por tanta coisa, que aquela história é realmente inspiradora. Mais do que uma pessoa que a gente nem conhece.

Gustavo da Rosa: E precisa de ajuda para contar isso. Às vezes, você tem a chave para abrir essa porta.

Caroline Ferreira: Exatamente.

Gustavo da Rosa: E, se for consumir o de fora, mastigue, resignifique, rodopie que nem uma baiana. Assimile, traga para você, resignifique e mostre como tem que ser. Seja teimoso, seja inventivo. Eu acho que essa é a grande capacidade de um brasileiro. Esse jogo de cintura. A gente tem as melhores publicidades do mundo, porque a gente tira o maior sarro. Até o escárnio, até o humor são ferramentas, armas que a gente precisa aprender a atirar. Então, eu acho que é isso. É Brasil. “É o Brasil do Brasil”!

Caroline Ferreira: E antes de finalizar, você tem mais alguma coisa que gostaria de falar, de compartilhar?

Gustavo da Rosa: “Vendo Monza 94”. Não, não sei, pessoal. Eu acho que é isso e ninguém pode soltar a mão de ninguém... Eu perdi o foco agora. Legal. Eu acho que eu posso, talvez, repetir o que você acabou de falar. De olhar para o lado, de sentir o colega. A gente é uma prática de galera, a gente está junto nessa. Vamos estudar junto, vamos trocar bastante. É isso... Hoje à noite, eu vou botar a cabeça no travesseiro e vou me arrepender...

Caroline Ferreira: Não!

Gustavo da Rosa: Eu devia ter falado aquilo!

Caroline Ferreira: Lembra depois, mas acaba lembrando. Mas foi muito enriquecedor, Gustavo. Muito prazer. Eu agradeço muito.

Todos nós. E somos muito felizes de você estar aqui. Muito obrigada pela sua participação, pela sua contribuição. Nós, todo mundo aqui, aprendemos muito, com certeza, hoje a noite. É isso, gente. Mais um episódio do RecCast. E ficamos por aqui. Até a próxima! Tchau!

Referência

RecCast. Formando profissionais no audiovisual (vídeo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f09Cb9b5d8E>. Acesso em: 15 de out. 2025.